



A OPCIONALIDADE ENTRE PRONOME NULO E PRONOME LEXICAL PARA LEITURA CORREFERENTE EM PORTUGUÊS BRASILEIRO

KAROLINE GASQUE DE SOUZA*

RESUMO

É sabido que o português brasileiro não é uma língua categórica quando o assunto é o parâmetro *pro-drop* (CHOMSKY, 1981). Quando o sujeito da subordinada substantiva objetiva direta é correspondente ao sujeito da oração principal, será nulo em uma língua *pro-drop* e pronominal em uma língua não *pro-drop*. Segundo a literatura (BARBOSA; DUARTE; KATO, 2005; HOLMBERG; NAYUDU; SHEEHAN, 2009; WIDERA; KAISER, 2019), em português brasileiro, há a opcionalidade de utilizar sujeito nulo ou pronominal nesses casos, embora haja indícios de que o nulo será interpretado como correspondente ao sujeito da principal, enquanto o pronominal será relacionado a qualquer outro referente, assim como acontece em português europeu. O problema, então, é descobrir por que o português brasileiro conserva duas formas para “expressar a mesma situação” e se existe alguma tendência de interpretação. Por meio de um questionário, foi possível identificar que o português brasileiro realmente conserva as duas formas com um tênue direcionamento interpretativo: sujeito nulo para leitura correferente ao sujeito mais próximo e sujeito pronominal quando correferente a constituintes/sintagmas que não o sujeito.

Palavras-chave: português brasileiro, parâmetro *pro-drop*, sujeito da subordinada

ABSTRACT

It is known that Brazilian Portuguese is not a categorical language when it comes to the *pro-drop* parameter (CHOMSKY, 1981). When the subject of the noun clauses used as direct object is corresponding to the subject of the main clause, it will be null in a *pro-drop* language and pronominal in a non-*pro-drop* language. According to the literature (BARBOSA; DUARTE; KATO, 2005; HOLMBERG; NAYUDU; SHEEHAN, 2009; WIDERA; KAISER, 2019), in Brazilian Portuguese there is the option of using either null or pronominal subject in these cases, although there are indications that the null will be interpreted as corresponding to the main subject, while the pronominal will be related to any other referent, just as it happens in European Portuguese. The problem, then, is to find out why Brazilian Portuguese retains two forms to “expressing the same situation” and whether there is any tendency on the interpretation of each construction. Through a questionnaire, it was possible to identify that Brazilian Portuguese really preserves both forms with a tenuous interpretive preference: null subject for reading correlated to the closest subject and pronominal subject when correlated to constituents/syntaxes other than the subject.

Keywords: Brazilian Portuguese, *pro-drop* parameter, subjects in subordinate clauses

* Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS. Mestranda em Linguística, e-mail: karolinegasque@gmail.com. Agradeço ao meu orientador, Gabriel de Ávila Othero, e aos pareceristas pelos comentários e sugestões.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho discute o uso do nulo e do pronome, em terceira pessoa do singular, como sujeito de oração subordinada no português brasileiro (doravante PB) com leitura correferente ao sujeito da oração principal (p. ex., *O João, disse que pro/ele, comprou uma casa*). Este fenômeno será investigado por meio de dois experimentos, do tipo questionário, um para julgar a aceitabilidade de sentenças com um determinado significado induzido, com o objetivo de verificar se as duas manifestações de sujeito na subordinada são realmente aceitáveis, e aceitáveis de igual forma, para correferir ao sujeito matriz, e outro para complementar pequenos diálogos, a fim de averiguar se tanto o nulo quanto o pronome como sujeito da subordinada são igualmente usados para correferir ao sujeito da principal. A partir dos experimentos, será possível identificar se o PB realmente conserva a opcionalidade entre o nulo e o pronominal na subordinada com leitura correferente ao sujeito matriz ou se o PB mantém alguma tendência de leitura distinta para as duas formas de sujeito da subordinada.

2 O PORTUGUÊS BRASILEIRO NO PARÂMETRO *PRO-DROP*

É (quase) consenso que o PB não é mais uma língua de sujeito nulo prototípica (cf. Barbosa; Duarte; Kato, 2005; Holmberg; Nayudu; Sheehan, 2009; Figueiredo Silva, 2017; Pilati; Naves; Salles, 2018; Widera; Kaiser, 2019; e outros) e nem um bom exemplo de língua de sujeito preenchido. Entre os dois extremos do Parâmetro do Sujeito Nulo (CHOMSKY, 1981), é possível considerar que há um *continuum* em que o português brasileiro se encontra.¹ Assim, por suas propriedades singulares que ora o aproximam de uma língua *pro-drop*, ora não *pro-drop*, discussão que não cabe neste trabalho, o PB é geralmente classificado como uma língua de sujeito nulo parcial (DUARTE, 1995; KATO; NEGRÃO, 2000; RODRIGUES, 2004; BIBERAUER; HOLMBERG; ROBERTS; SHEEHAN, 2010).

Uma língua marcada negativamente para o parâmetro *pro-drop* é, por exemplo, como o inglês, em que a sentença (1a) sempre terá o sujeito da subordinada preenchido com um pronome lexicalmente realizado, independente se o referente for ou não *John*. Por outro lado, em espanhol (1b) e no português europeu (1c), não é possível preencher o sujeito da subordinada com leitura correferente ao sujeito matriz.²

- (1) a. John_i said that he_{i/k} bought a computer.
João dizer-PASS que ele comprar-PASS um computador

1 Sugestão de Mônica Rigo Ayres, em comunicação pessoal.

2 Um dos pareceristas menciona que é possível preencher o sujeito da subordinada em espanhol e em português europeu, mas a leitura é necessariamente marcada, por exemplo, uma interpretação de ênfase, ao passo que em inglês se obtém uma leitura não marcada, já que é a forma usual na língua.

- b. Juan_i dijo que él_{*i/k} compró una computadora.
João disse que ele comprou um computador
- c. O João_i disse que ele_{*i/k} comprou um computador.

Enquanto em inglês não é sintaticamente possível o nulo na subordinada (2a), uma língua *pro-drop* manterá o sujeito nulo na subordinada quando o referente for o sujeito da principal, como o espanhol (2b) e o português europeu (2c). Em outras palavras, as línguas de sujeito nulo canônicas não permitem um pronome com matriz fonética com leitura não marcada como sujeito da subordinada, como *él/ele*, com leitura correferente ao sujeito da oração principal, mas sim um *pro*, pronome sem conteúdo fonético.

- (2) a. John_i said that *pro*_{*i/*k} bought a computer.
- b. Juan_i dijo que *pro*_{i/*k} compró una computadora.
- c. O João_i disse que *pro*_{i/*k} comprou um computador.

Já o PB se parece com o português europeu e com o espanhol por admitir o pronominal quando não correferente ao sujeito da principal (3a) e o nulo quando é correspondente ao sujeito da principal (3b). No entanto, o PB se diferencia dessas línguas de sujeito nulo prototípicas por também aceitar que a posição seja preenchida por pronome lexical correferente ao sujeito da oração matriz (cf. 3a), como foi observado por Ferreira (2004). Com isso, no PB, quando o sujeito da subordinada for correferente ao sujeito da matriz, há opcionalidade de ser preenchido por um pronome ou nulo, sem prejuízos na interpretação ou gramaticalidade, embora possa haver uma tendência de interpretação similar à do português europeu em alguns *corpora* de língua escrita (cf. WIDERA; KAISER, 2019)

- (3) a. O João_i disse que ele_{i/k} comprou um computador.
- b. O João_i disse que *pro*_{i??k} comprou um computador.³

Em teoria, de acordo com Kroch (1994), não existem duas formas para expressar a mesma ideia, como (3a). Diante disso, é preciso investigar se o PB realmente admite o sujeito nulo e o sujeito pronominal como uma opcionalidade para exprimir a leitura correferente ao sujeito da principal e se existe alguma tendência de interpretação quando pleno ou nulo.

3 Em português brasileiro, é possível que o sujeito pronominal nulo da encaixada não seja correferente ao sujeito da matriz, mas sim a um tópico discursivo suficientemente proeminente, como em "A Maria_k, João_i disse que *pro*_{*i/k} vende cachorro quente na praia", exemplo em Pilati, Naves e Salles (2018, p. 73). Um dos pareceristas observa que esta correferência também é possível em espanhol e em português europeu.

3 EXPERIMENTOS, OU QUESTIONÁRIO

Na tentativa de compreender melhor o fenômeno, foi criado um questionário no *Google Forms* com duas seções (além da inicial para registrar o perfil dos participantes): a primeira para o julgamento do tipo escala de sentenças com um significado induzido, formada por seis frases-alvo e doze distratoras; e a segunda para completar pequenos diálogos, com quatro alvos e quatro distratores. O questionário ficou disponível na plataforma de 18 de novembro a 02 de dezembro de 2020 e obteve a resposta de 50 informantes, em sua maioria do Rio Grande do Sul, com idades entre 19 a 53 anos e de escolaridade alta – 46% com ensino superior completo, 46% com ensino superior incompleto e 8% com ensino médio completo.

Por meio do questionário, foi possível averiguar se as sentenças são aceitáveis com os significados propostos ou não e a maneira preferida para completar as sentenças, usando sujeito pleno ou nulo na subordinada. Vale salientar que todas as questões utilizadas para o questionário são descontextualizadas propositalmente, pois qualquer contexto poderia direcionar a interpretação; note-se, ainda, que os referentes possíveis são do mesmo nível da hierarquia referencial proposta por Cyrino, Duarte e Kato (2000), e de mesma pessoa gramatical (3ª pessoa do singular), variando apenas em gênero. Em parte, o questionário foi motivado pelo trabalho de Kenedy (2014). Os testes de aceitabilidade elaborados pelo autor mostraram que as anáforas nulas em posição/função de objeto são orientadas para o tópico, enquanto as anáforas pronominais, na mesma posição/função, são orientadas para o sujeito⁴. A diferença das sentenças de Kenedy (2014) para as que foram elaboradas para o presente questionário é que aqui foi investigado qual é a orientação/referência do pronominal nulo e do pronome lexical em posição/função de sujeito da oração subordinada, especificamente da oração subordinada substantiva objetiva direta.

3.1 PARTE I – JULGAMENTO DE ACEITABILIDADE

O quadro a seguir exhibe a primeira parte do questionário, composta pelas sentenças para o julgamento, conforme publicadas no questionário, com seus resultados. Essas sentenças foram inspiradas em exemplos presentes na literatura que embasou esta discussão.⁵

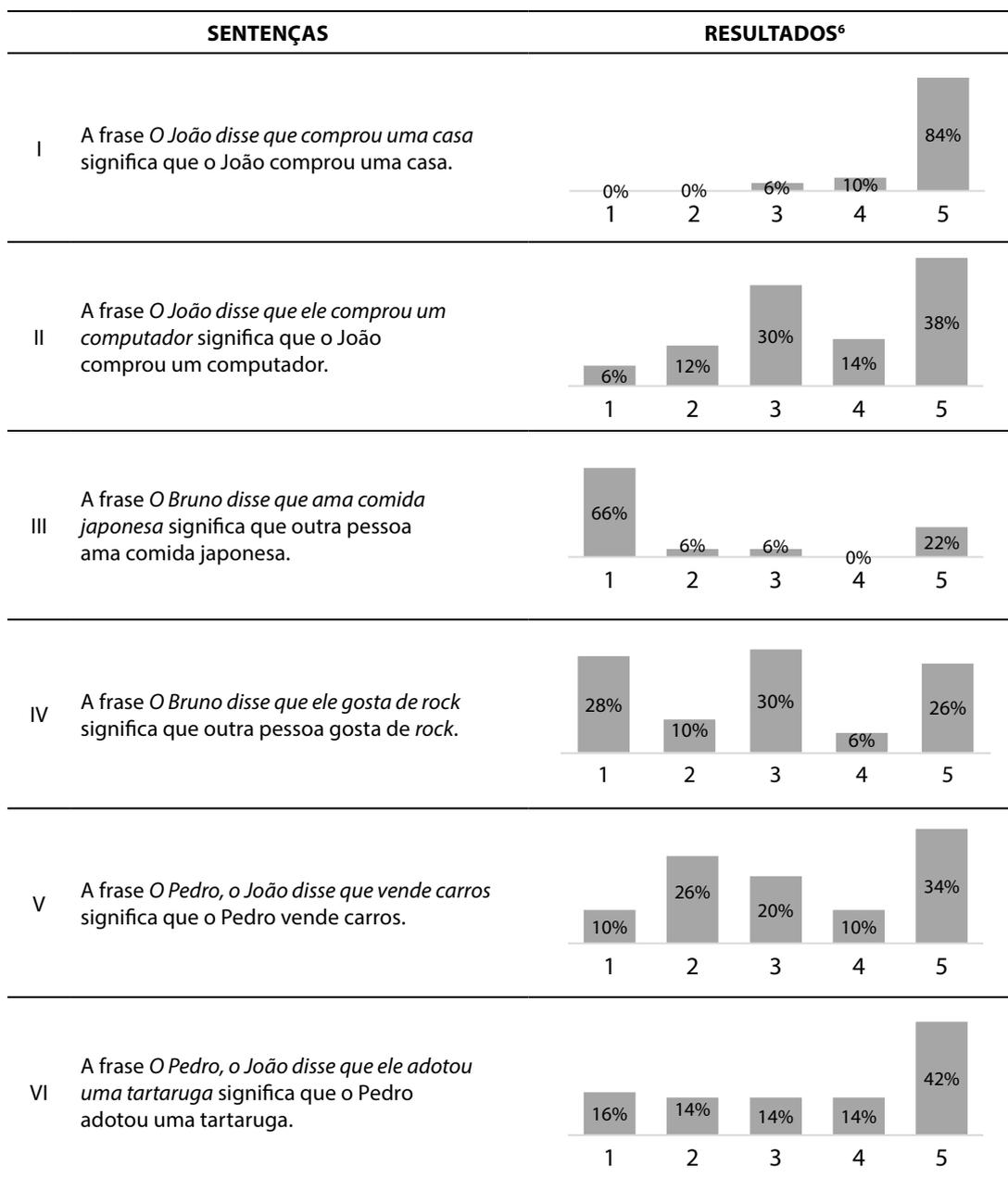
4 As sentenças e seus respectivos resultados de aceitabilidade obtidos por Kenedy (2014):

- (i) [Aquela secretária de vermelho]_i disse que o diretor demitiu Ø_i” (Szero: 33%)
- (ii) “[Aquela secretária de vermelho]_i disse que o diretor demitiu ela_i” (Spro: 71%)
- (iii) “[Aquela secretária de vermelho]_r, o diretor disse que demitiu Ø_i” (Tzero: 92%)
- (iv) “[Aquela secretária de vermelho]_r, o diretor disse que demitiu ela_i” (Tpro: 52%)

5 Há sentenças similares em quase toda literatura corrente sobre este assunto, por exemplo:

- (i) O João_i disse que *pro*_i/*ele*_i comprou um computador. (BARBOSA; DUARTE; KATO, 2005, p. 13);
- (ii) O João_i disse que *pro*_i/*ele*_i tinha comprado uma casa (HOLMBERG; NAYUDU; SHEEHAN, 2009, p. 65);
- (iii) O João_i disse que *pro*_i/*ele*_i vai comprar um carro. (WIDERA; KAISER, 2019, p. 151).

QUADRO 1 — O JULGAMENTO DE ACEITABILIDADE DAS SENTENÇAS



Fonte: elaborado pela autora.

⁶ Os números nos gráficos indicam a escala do tipo Likert utilizada para o julgamento, indo de 1, “completamente inaceitável”, a 5, “completamente aceitável”, de forma que 3 exprime a neutralidade do juízo, nem aceitável, nem inaceitável.

Conforme o Quadro 1, é bastante aceitável (84%) que o sujeito nulo da oração subordinada seja correferente ao nominal em posição de sujeito da oração principal, como em (I), e sem nenhum juízo como inaceitável ou completamente inaceitável. No entanto, quando o sujeito pronominal tem a mesma referência, como em (II), há uma linha tênue entre completa aceitabilidade (38%) e entremeio (30%), nem aceitável e nem inaceitável, prevalecendo uma certa inclinação para completamente aceitável (52%), se considerar o juízo de aceitável (14%).

Quando o sujeito nulo da subordinada não tem referência definida, como em (III), é considerado completamente inaceitável (66%), mas em uma proporção menor à completa aceitabilidade da correferência do nulo com o sujeito da oração matriz (cf. os altos percentuais de completa aceitabilidade, em I). Já em (IV), quando o sujeito pronominal na subordinada pode ter uma referência externa qualquer, os resultados foram muito equilibrados, dadas as percentagens de 28% completamente inaceitável, 30% nem aceitável e nem inaceitável e 26% completamente aceitável, prevalecendo a orientação do julgamento de inaceitabilidade (38%) em oposição à orientação para aceitabilidade (32%).

Nas duas últimas sentenças, é possível observar como se dá o julgamento de aceitabilidade quando o referente está na periferia esquerda da sentença. Em (V), a vinculação do sintagma isolado à esquerda ao sujeito nulo da subordinada é de 34% completamente aceitável, 26% inaceitável e 20% entremeio, o que pode indicar que exista alguma resistência em aceitar que o sujeito nulo da subordinada nem sempre será correferente ao sujeito da matriz. Por outro lado, em (VI), o julgamento do sujeito pronominal da subordinada com a mesma referência foi bem diferente. Há um maior percentual de completa aceitação marcado por 42%, porém os 58% restantes foram distribuídos quase igualmente pelos outros juízos.

Os resultados obtidos no Quadro 1 demonstram que o sujeito nulo na subordinada é aceitável quando é correferente ao sujeito da oração principal (I) ou até quando corresponde ao elemento isolado no início da sentença (V), este em bem menor proporção de aceitabilidade que aquele, respectivamente, 84% e 34%, e é inaceitável quando tem um referente não recuperável, não mencionado (III). Quando o sujeito da subordinada é preenchido por um pronome, pode-se considerar que também é aceitável se é correferente ao sujeito da principal (II), mas em menores proporções da aceitabilidade do sujeito nulo. Os maiores percentuais de aceitabilidade do sujeito pronominal ocorrem com a referência no elemento isolado no início da sentença (VI). Em contrapartida, quando não há uma referência definida para o pronome (IV), não é possível asseverar o julgamento, pode-se considerar apenas uma inclinação para inaceitabilidade (38%). Enfim, os resultados obtidos com este experimento apontam que realmente existe a opcionalidade entre o nulo e o pronominal como sujeito da subordinada com referência no sujeito da matriz em PB, porém com considerável preferência para o nulo.

3.2 PARTE II – COMPLEMENTAÇÃO DAS SENTENÇAS

A segunda parte do questionário foi elaborada de maneira que os participantes pudessem completar as sentenças retomando o sujeito da oração principal ou o referente saliente no diálogo. As sentenças e os resultados estão expostos no quadro a seguir:

QUADRO 2 — A COMPLEMENTAÇÃO DAS SENTENÇAS

DIÁLOGOS		RESULTADOS ⁷	
VII	A: O Victor viu a Bianca ontem? B: O Victor disse que...	Subs	7%
		Pron	7%
		Nulo	86%
VIII	A: Quem o Bruno encontrou no mercado? B: O Mauricio, o Bruno disse que...	Subs	4%
		Pron	24%
		Nulo	72%
IX	A: A Pamela vendeu o carro? B: A Camila disse que...	Subs	28%
		Pron	32%
		Nulo	40%
X	A: Eu vi o Miguel andando de bicicleta. O João falou que...	Subs	20%
		Pron	56%
		Nulo	24%

Fonte: elaborado pela autora.

De acordo com o Quadro 2, em geral, são notáveis os altos percentuais de nulos. Em (VII), todas as sentenças completadas com sujeitos nulos têm o mesmo referente: o sujeito da principal *Victor* (alguns exemplos extraídos do questionário: *O Victor disse que não viu ela*; *O Victor disse que esteve com a Bianca ontem*) e todos os sujeitos pronominais e substantivos têm como referência *Bianca*, que está saliente no discurso (*O Victor disse que ela está linda*; *O Victor disse que a Bianca tava na faculdade*). O mesmo vale para (VIII), com um elemento

⁷ Os resultados foram agrupados conforme o sujeito utilizado na subordinada: qualquer substantivo (“Subs”), nulo (“Nulo”) ou pronome (“Pron”).

deslocado para a periferia esquerda: os nulos têm *Bruno* como referente (*O Mauricio, o Bruno disse que o encontrou na seção de higiene pessoal; O Mauricio, o Bruno disse que fazia tempo que não o via*), os pronominais e substantivos se referem a “Mauricio” (*O Mauricio, o Bruno disse que ele parecia muito bem; O Mauricio, o Bruno disse que o Mauricio tava no mercado*).

A questão (IX) foi a mais homogênea em percentagens: a referência do nulo foi dividida entre *Camila* (*A Camila disse que comprou o carro da Pamela; A Camila disse que não sabe se a Pamela vendeu ou não o carro*) e *Pamela* (*A Camila disse que vendeu por uma boa quantia; A Camila disse que ainda não o vendeu*). Por outro lado, todos pronominais se referem a *Pamela* (*A Camila disse que ela vendeu para o irmão dela; A Camila disse que ela vendeu o carro baratinho*). Esta foi a questão que teve o maior percentual de substantivo na posição de sujeito da subordinada, todos se referindo a *Pamela* (*A Camila disse que a Pamela vendeu o carro; A Camila disse que a Pamela havia vendido o carro*). Ainda houve uma ocorrência de outro sujeito substantivo: *carro* (*A Camila disse que o carro está bem conservado*), mas como este foi um único caso, não foi contabilizado.

Por fim, (X) não tem alternância de turnos de fala como nas demais (entre A e B), ou seja, não há informações sobre o discurso anterior e nem posterior, há apenas o falante A, e seguiu a mesma distribuição de referência de (VII) e (VIII), mas com orientação estatística distinta: o sujeito da oração principal foi o referente do nulo da subordinada, *João* (*Eu vi o Miguel andando de bicicleta. O João falou que vai andar também; Eu vi o Miguel andando de bicicleta. O João falou que quer andar junto*) e *Miguel* foi o referente para os sujeitos pronominais e substantivos da subordinada (*Eu vi o Miguel andando de bicicleta. O João falou que ele estava aprendendo; Eu vi o Miguel andando de bicicleta. O João falou que ele ganhou de aniversário; Eu vi o Miguel andando de bicicleta. O João falou que o Miguel comprou uma bicicleta; Eu vi o Miguel andando de bicicleta. O João falou que o guri anda direitinho*).

Importa destacar que as sentenças expostas no Quadro 2 exibiam diversas possibilidades de combinação dos referentes acessíveis: em (VII), o sujeito da oração principal é *Victor*, e o outro referente possível é *Bruna*; em (VIII), o sujeito da principal e o elemento deslocado têm o mesmo gênero gramatical masculino; em (IX), ao contrário da anterior, os dois referentes têm o mesmo gênero gramatical feminino; em (X), há três referentes possíveis, *eu*, *Miguel* e *João*, e não há alternância de turnos de fala, o que pode explicar os 56% de sujeito pronominal na subordinada.

A partir dos resultados do Quadro 2 e excluindo as respostas contendo substantivos do cômputo geral, agora cabe apresentar somente os dados referentes à competição entre sujeito nulo e sujeito pronominal:

QUADRO 3 — A COMPLEMENTAÇÃO DAS SENTENÇAS: NULO X PRONOME

SENTENÇAS		RESULTADOS	
VII	A: O Victor viu a Bianca ontem? B: O Victor disse que...	Nulo	92%
		Pron	8%
VIII	A: Quem o Bruno encontrou no mercado? B: O Mauricio, o Bruno disse que...	Nulo	76%
		Pron	24%
IX	A: A Pamela vendeu o carro? B: A Camila disse que...	Nulo	45%
		Pron	55%
X	A: Eu vi o Miguel andando de bicicleta. O João falou que...	Nulo	30%
		Pron	70%

Fonte: elaborado pela autora.

No Quadro 2, em resumo, não houve sequer uma ocorrência de sujeito pronominal na subordinada com referência fixada no sujeito da sentença resposta, ou melhor, nenhuma ocorrência de pronominal com leitura correferente ao sujeito da principal. Por outro lado, os resultados de VII, VIII e X mostraram que todos os sujeitos nulos na subordinada eram correferentes ao sujeito da principal; a única questão que não seguiu este direcionamento em sua totalidade foi IX, pois a referência do nulo da subordinada foi dividida entre o sujeito da principal e o sujeito da sentença anterior. Por isso, no Quadro 3, foram considerados apenas os percentuais dos sujeitos nulos correferentes ao sujeito da oração matriz em IX, a fim de uniformizar os resultados.

Além da escolha quase total do nulo para correferir ao sujeito da oração matriz e total do pronominal para não correferir ao sujeito matriz, o que já foi evidenciado no Quadro 2, o Quadro 3, com a competição direta entre sujeitos nulos e sujeitos pronominais, demonstra a preferência pela retomada do sujeito da principal na continuação do diálogo antes de outro referente saliente, com uma taxa média de escolha de 60,75% do nulo (exclusivamente para leitura correferente ao sujeito da principal) contra 39,25% do pronome (todos com leitura não correferente ao sujeito da principal). Vale lembrar os resultados da primeira parte, Quadro 1, em que o sujeito nulo na subordinada manteve altos índices de aceitabilidade com leitura correferente ao sujeito da principal (já o pronominal não teve um percentual tão alto), mas também foi considerado aceitável quando referindo ao sintagma isolado à esquerda da sentença.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos resultados do questionário proposto, em relação às diferenças de interpretação, o sujeito nulo da subordinada tem tendência a ter o sujeito da principal ou o elemento na periferia esquerda como referente (como *Pedro* em V), sendo aquele bem mais favorecido que este. Em contrapartida, o sujeito pronominal também pode ser correferente ao sujeito matriz, mas é mais aceitável quando tem sua referência fixada no elemento deslocado para a esquerda ou saliente no discurso.

Neste trabalho, a respeito especificamente dos resultados obtidos na parte dos diálogos, a forma como os participantes optaram por complementar as sentenças evidencia a predileção por manter o objeto da sentença anterior, considerado aqui como o referente saliente (*Bianca, Mauricio e Miguel*), também como objeto da subordinada, conforme (VII), por exemplo, em 86% dos casos foi mantida na subordinada a mesma estrutura da sentença interrogativa (sujeito: *Victor*; objeto: *Bianca*), apenas em 14% *Bianca* é o sujeito da subordinada, justamente nas ocorrências de sujeito preenchido, e este percentual cai para 8% se considerarmos somente as ocorrências de pronome e nulo. A única questão que teve a referência do sujeito nulo dividida foi em (IX), caso em que havia um referente saliente em posição de sujeito na primeira sentença.

Em conclusão, o português brasileiro realmente admite a opcionalidade de escolha entre o sujeito nulo e o pronominal na subordinada como possibilidades para leitura correferente ao sujeito da principal, a despeito do Princípio Evite Pronome (CHOMSKY, 1981), uma vez que o sujeito pronominal não exerce nenhum efeito de ênfase ou foco (cf. FIGUEIREDO SILVA, 2017) nesses casos. No entanto, o PB ainda está mantendo uma proximidade com o português europeu, tendo uma preferência pelo sujeito nulo na subordinada quando a intenção é uma leitura correferente ao sujeito da principal e sujeito pronominal para leitura não correferente ao sujeito da principal, o que corrobora fortemente a ideia já defendida na literatura de que o português brasileiro é uma língua de sujeito nulo parcial.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Pilar; DUARTE, Maria Eugênia L. KATO, Mary A. Null subjects in European and Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 4, 2005. p. 11-52.

BIBERAUER, Theresa; HOLMBERG, Anders; ROBERTS, Ian; SHEEHAN, Michelle (org.). *Parametric variation: null subjects in minimalist theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CHOMSKY, Noam. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.

CYRINO, Sonia; DUARTE, Maria Eugênia L.; KATO, Mary A. Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese. In: KATO, Mary A.; NEGRÃO, Esmeralda V. (ed.) *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt: Editorial Vervuert/Iberoamericana, 2000. p. 55-104.

DUARTE, Maria Eugênia L. *A perda do princípio "evite pronome" no português brasileiro*. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas: UNICAMP, 1995.

FERREIRA, Marcelo. Hyperraising and Null Subjects in Brazilian Portuguese. In: CASTRO, Ana et al. (org.) *Romance. Collected Papers on Romance Syntax*. Cambridge: MITWPL, 2004. p. 57-85.

FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina. O estado da arte dos estudos sobre sujeitos nulos, posições de sujeito e marcas flexionais. *Revista Linguística*, v. 13, n. 2, p. 191-211, 2017.

HOLMBERG, Anders; NAYUDU, Aarti; SHEEHAN, Michelle. Three partial null-subject languages: a comparison of Brazilian Portuguese Finnish and Marathi. *Studia Linguistica*, v. 63, p. 59-97, 2009.

KATO, Mary Aizawa; NEGRÃO, Esmeralda Vailati (ed.). *The null subject parameter in Brazilian Portuguese*. Frankfurt: Vervuert-Iberoamericana, 2000.

KENEDY, Eduardo. O status tipológico das construções de tópico no Português Brasileiro: uma abordagem experimental. *Revista da ABRALIN*, v. 13, n. 2, p. 151-183, 2014.

KROCH, Anthony. Morphosyntactic variation. In: BEALS, Katharine et al. (ed.). *Papers from the 30th regional meeting of the Chicago linguistics society: parasession on variation and linguistic theory*. Chicago, IL: Chicago Linguistic Society, 1994. v. 2. p. 180-201.

PILATI, Eloisa Nascimento Silva; NAVES, Rozana Reigota; SALLES, Heloisa Maria Moreira Lima. Uma análise unificada para sujeitos inovadores (nulos e manifestos) na gramática do português brasileiro. *Revista da Anpoll*, v. 1, n. 46, p. 65-82, 2018.

RODRIGUES, Cilene. *Impoverished morphology and A-movement out of case domains*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Maryland, 2004.

WIDERA, Carmen; KAISER, Georg. Asterix e os pronomes sujeitos: uma análise contrastiva do emprego dos pronomes sujeitos no português europeu e brasileiro. In: MOUTINHO, Lurdes de Castro *et al.* (ed.). *Estudos em variação linguística nas línguas românicas*. Aveiro: UA Editora, 2019. p. 143-165.

Squib recebido em 13 de maio de 2021.

Squib aceito em 14 de agosto de 2021.